

A Essência em Paraíso de Toni Morrison

A minha mãe, Neide Pereira, por me ensinar a ver no passado um constante aprendizado ao meu futuro.

Por Andréa Santos



O modo com o qual escritora Nobel Toni Morrison mostra-nos os traumas da história afro-americana, coloca a sua ficção no ápice das discussões sobre a identidade e o luto (perda). Os romances morrisoniano são exaltados quanto à redefinição do exercício da perda individual e coletiva: a concepção da perda desenvolvida em suas ficções desafia o olhar conclusivo e de esquecimento, estabelecendo, ainda, uma forma produtiva e ilimitada de pesares e árduas lembranças. Esta necessidade em reconhecer o luto e sustentar o pesar deriva da materialidade das histórias afro-americanas.

Enquanto Morrison utiliza sua ficção para recuperar *afros*-histórias ignoradas pelas tradições dominantes ocidentais, ela também consegue enfatizar o que esteve irreparavelmente perdido — as recordações individuais, as tradições comunais, as possibilidades irrealizadas as quais desapareceram sem auxílio de uma documentação permanente. Tomando por configuração tais ausências, sua narrativa desdobra-se não só no modo de assombrar; elas, ainda, sugerem como estes perdidos aspectos da experiência afro-cultural só podem ser condutores em termos de perda infinita, numa forma textual capaz de reconhecer os fantasmas que continuam assombrando o coetâneo psíquico e o cenário cultural.

A autora compreende que o retorno ao passado fantasmagórico pode destrutivamente perseguir a experiência vivida pelo sujeito, mas também reconhece que cada fantasma tem o poder de reestruturar o ego dominante neste presente sociológico. Assim é a essência de “*Paraíso*”: um modelo narrativo terapêutico baseado numa pequena porção exorcista, mas, sobretudo, no aprender a viver na presença nefasta de fantasmas

(passado) — eles podem assim facilmente enriquecer como também traumatizar nosso *éden* social. A sociedade de “Paraíso” arrasta-se entre uma nova e contínua prática pesada e uma sensação positiva de assombro que te convida a uma leitura com critérios tirados da obra de Jacques Derrida sobre lamentação.

Quer articulando uma interminável teoria lamentante em *"By Force of Mourning"*¹ ou expondo uma noção de "fantasmagoria" em *Specters of Marx*², Derrida discursa questões sobre discórdia e separação. Isso que o indivíduo “desnorteado” e o passado histórico têm em comum é a propriedade da diversidade radical, uma alteridade que resiste a assimilação ou por luto pessoal ou pelo presente social. Reconhecer a alteridade, pelo menos num certo senso, pode se assemelhar a um perigo, uma força destrutiva hospedada dentro do ego, e [ou] a experiência social do sujeito. Mas, Derrida objeta-se que o termo "impossível" seja uma lamentação para tradicionais conceitos de sofreguidão equivalendo à separação plena. Ele apresenta a fantasmagoria contra a ontologia da presença metafísica, demonstrando deste modo como os múltiplos espíritos podem servir para reorganizar o indivíduo e a sociedade ao longo das linhas de operação de desigualdade. No cômputo de Derrida, a lamentação sobre o plano efetivamente pessoal substitui a ilusão de um indivíduo fortemente amarrado, um indivíduo que reconsolida sua identidade após quebrar a perda pelas estratégias de interiorização ordenadas pela psicanálise³. Da definição freudiana de identificação a Nicolas Abraham e Maria Torok em seu conceito de introjeção, a interiorização institui um processo criativo de uma figura para o indivíduo “desnorteado”, incorporando-a, então, na mesma estrutura do ego. Tomando a questão com a sujeição da psicanálise ao paradigma da individualidade, Jacques Derrida argumenta que tais concepções de interiorização não só reduzem o indivíduo “desnorteado” a um objeto pranteador, mas também assume que os laços de ligação podem e deveriam ser dissolvidos completamente. Em contraste, ele sugere que experiências de perda forcem-nos a renunciar o desejo da personalidade narcisista, aceitando a “vida-em-nós” de um indivíduo “desnorteado” que viola qualquer pretensão à auto-suficiência, saudando nosso próprio decoro como a mesma condição de *hospitalidade, amor ou amizade*⁴. Semelhantemente, o cômputo de Derrida da história espectral insiste que o passado simplesmente não possa ser absorvido ou sobrepujado pelo presente. A exemplo, nós não sepultamos o Marxismo, porque ele continua representado mais do que qualquer coisa. Os espectros de Marx,

¹ Uma conferência, de 1993, dada em memória do crítico cultural Louis Marin.

² Seu estudo sobre a condição "espectral" da obra de Marx num mundo significativamente pós-comunista, 1994.

³ Jacques Derrida, *By Force Mourning*, 187.

⁴ Id., 188.

definido como "algo que alguém não sabe... externo da ignorância, mas porque este não-objeto, esta vida ausente ou este morto já não pertence ao conhecimento"⁵, indica um complexo temporal estruturado pelos processos criativos de repetição. A História (inclusive a história Marxista) emerge não como reminiscência de um singular acontecimento instruído, mas como uma retardada construção em que a substancial repetição do passado no presente produz algo novo de modo imprevisível. Endossando a impossibilidade de trabalhar completamente através da perda pessoal ou histórica, Derrida eleva a figura fantasmagórica como uma afirmação inequívoca da alteridade. Ele invoc-a-nos, finalmente, para aceitar a responsabilidade política e ética a preservar a diferença absoluta da humanidade e do sobrenatural. Uma estrambótica diversidade a qual previne o fechamento de qualquer construção totalizante de subjetividade ou homogêneas organizações sociais.

Como Derrida, Toni Morrison projeta os efeitos positivos de forças fantasmagóricas que habitam internamente e externamente as vidas de suas personagens. Os fantasmas que cria em *Paraíso* permitem sua recuperação basicamente numa história comunal negligenciada, e, ainda, impedem os herdeiros desta história de negar a existência de espectros plurais em nome de uma unidade social repressiva. Mas ela também traslada além do que Martin Jay identificou como a destrutiva valorização do misterioso "e do poder de assombrar por si". Em lugar de endossar todos os regressos do reprimido desde que eles rompam a homogeneização do projeto humano, como Jay reivindica de Derrida, Morrison presta atenção aos assuntos de reconstrução pessoal e social. Ou seja, a escrita morrisoniana não fala de histórias de fantasma, pelo menos não quanto assunto principal, como significados de noções críticas ilusionistas de superego e de unidade social; o romance traz múltiplas figuras assombrosas com um objetivo de reconstruir o interior e o exterior das habitações - sítios dignos da morada humana.

⁵ Specters of Max, 37.

Paraíso reconhece a necessidade de reconstrução de uma identidade comum afro-americana, mostrando-nos como os valores que unem a cidade de Ruby (Oklahoma) estão ultrapassados e são repressores a todos os seus habitantes. Edificado em 1976, o romance situa a fonte destes valores para além de 1870, quando nove escravos recém alforriados do Mississipi e da Louisiana juntaram suas famílias e alguns amigos, e viajaram para o oeste. Os vagões levavam 158 pessoas com destinação à cidade de Fairly. Mas, ali chegando os residentes pardos rejeitam a entrada do grupo Rocha-8⁶, reivindicando que a falta de recursos financeiros destruiria a prosperidade local. Entretanto, os negros *Rocha-8* sentem esta exclusão pela pureza da própria raça, acreditando que tal comportamento, confere semelhança ao preconceito racial (brancos x negros, pardos x negros, etc.), visto que a cidade era habitada apenas por pardos. Formando então "um compacto grupo de viajantes ressaltados pela monstruosidade que lhes havia acontecido", o conjunto muda-se e assenta-se em Haven: uma cidade de Oklahoma que evolui durante décadas até que muitos residentes buscam mais prosperidade no urbanismo depois da Segunda Guerra Mundial.



È importante observar que os "*Haveneses*" fizeram sua história em cima da recusa miscível de raças. Esta recusa continua um século depois a transtornar a lembrança dos descendentes da cidade e seus fundadores; fomentando um ódio aos brancos (e pardos), fazendo-os suspeitar da própria raça.

Quando Haven divide-se no início de 1940, estes descendentes apegam-se aos valores herdados sobre o proibido: os valores derivaram da identificação comunal forte. Eles acreditam que só uma comunidade radicalmente unificada sustentada pela mesma linhagem, pela mesma experiência, pelos mesmos modos de pensar poderia protegê-los da violência psíquica e física do futuro social iníquo. Por conseguinte, a desagregação cidadina incita os descendentes masculinos a repetir a sua história ancestral. Em lugar de se reorganizar racialmente mistos ou em sociedade afro pré-existentes, eles se organizaram em Ruby: uma cidade geograficamente isolada e auto-suficiente. Os homens porfiam em manter a severa homogeneidade social pela supressão de que tudo observado venha a se

⁶ È a denominação para a raça puríssima. Fazem parte desta "raça" os nove escravos recém alforriados do Mississipi e da Louisiana e seus amigos.

transformar em diferente, inquietante e, principalmente, infeccioso aos que habitam a nova sociedade de Haven.

Na representação de Morrison, a proibição emerge como uma situação central, traumática nas vizinhanças da cidade, com um desenvolvimento transversal do qual Ruby cercar-se continuamente. Como as observações do narrador, "qualquer um que queira saber dos cidadãos de Haven ou Ruby disponha-se nas ramificações daquela repulsa da multidão".

Observam-se, em primeiro plano, os constantes efeitos imaginativos ao instante de ruptura histórica, demonstrando na narrativa até que ponto às vidas das personagens tem sido antecipadamente determinado pela figura destrutiva do passado - que vem como um fantasma. Quando a população de Ruby recorda das suas origens narrativas autodefinidas, lembra da resistência derivada da pura raça, da corajosa convicção religiosa de seus antepassados, os quais se reuniram para edificar Haven. Além disso, vangloriam-se ao saber que seus ancestrais transformaram uma cena vitimária num triunfo, dando a eles um orgulho inigualável na pureza racial. Entretanto, a autora também sugere aos habitantes de Ruby, especialmente aos seus governantes, que não se permitam confundir com o Proibido: que fora marcado pelas perdas das relações significantes (diferente desta que sentem) e com a mais enigmática perda da passagem do tempo que é característico de experiência traumática. Fundada em rígida obediência aos antigos modos, os líderes (masculinos) de Ruby, juntos defendem a cidade à medida que eles continuam esquivando-se desta perda inicial.

Morrison delinea os efeitos acumulativos desta ausência negada, evidenciando uma incapacidade de identificar o que estava disperso nas vidas das personagens em condições proibidas — muitos dessas personagens apenas experimentam a subsequente perda como uma reiteração desta fundamental ausência. Um dos membros mais poderoso e conservador do grupo dominante, Stewart Morgan mostrar-se incapaz de simbolizar sua aflição. A sua esposa, Dovey Morgan, porém, vê-lo claramente "com suas perdas" desde então "o importante Stewart alcançou, a mais visível de suas perdas". A resposta dele as inúmeras faltas pessoais⁷ segue um padrão semelhante: solidifica invariavelmente seus compromissos às virtudes de coesão e identidade.

⁷ O declive financeiro, a derrota na eleição eclesiástica, a falta de apetite durante pelas lembranças de cozinheiro na Segunda Guerra Mundial e a sua incapacidade de ter filhos.

A autora situa esta vacância de perdas (faltas, ausências, etc.) e lamentos à mesma base de uma comunidade sustentada no conhecimento de que "ninguém em Ruby alguma vez morreu". A gente remira a única morte reconhecida dentro dos limites da cidade de Ruby⁸, desde 1953, não obstante aos *Rubyenses* que faleceram fora da cidade — ou na Europa ou Ásia no campo de batalha, ou mesmo viajando a caminho de Ruby. Num lugar sem um cemitério, os líderes se vêem como pessoas escolhidas por Deus, um grupo predestinado de eleitos isentos da morte, até agora dispersa das nações registradas na história bíblica de Zacarias. Eles acreditam que este privilégio foi-lhes conferido como resultado das suas fieis observâncias do passado. A continuação do que não fora mencionado a "reivindicação a imortalidade". Estes acreditam depender da preservação que os ligam as nove famílias fundadoras de Haven, uma perseverança em guardar a pureza de sua raça, onde a escritora apresenta como sendo recomendável, porém, perigosamente ultrapassado a negação da diversidade humana, até mesmo na conclusa diferença entre nós: a morte.

Em entrevista, Toni Morrison fala sobre a superioridade do clã de Ruby: "estas pessoas têm uma história extraordinária; eram pessoas sãs, pessoas éticas, pessoas generosas. Mesmo quando caíram prematuramente na sua fundação, eles tentaram repeti-la em Ruby... bom a atual geração não pôde manter o que os seus ancestrais e, agora, seus pais tinham criado simplesmente, porque o mundo mudara nas suas atitudes⁹". Morrison apresenta as repulsivas conseqüências desta repetição no início do romance, quando nove líderes atacam violentamente uma velha mansão conhecida como o *Convento*, empreendendo uma bárbara ação nas mulheres que lá vivem. O ataque ao *Convento* — localizado nas proximidades da cidade onde cinco mulheres racialmente diversas (Mavis, Gigi, Seneca, Pallas e Connie) abrigam-se ali após as suas traumáticas experiências — aparece em **Paraíso** como um artifício de negação. Quer dizer, a insurreição colérica provê alguns significados pelos quais os homens prevalecentes negam os seus medos sobre a ausência, à morte e à interna desagregação. Estes homens culpam as cinco mulheres socialmente marginalizadas por um acúmulo supressivo — eles não podem tolerar a identificação em si ou na comunidade.

Na relevância da compreensão de como o fato pretérito de Ruby estava regressando numa investida bestial é para estudiosa Kathleen Brogan uma cultura espantosa, um

⁸ Subseqüente à irmã de Stewart que morreu em conseqüência de uma recusa de tratamento médico em hospital de "brancos".

⁹ Marcus, James. "This Side of Paradise: A Conversation with Toni Morrison." 2001.

impressionante estudo sobre as figuras fantasmagóricas na literatura americana contemporânea e multiétnica que sinaliza uma recuperação de histórias ameaçada por retificação ou fragmentação. A escrita de Marshall, Kingston, Morrison, e muitos outros “definem consciência histórica como uma boa forma de atemorizar, onde os fantasmas negados do passado americano são finalmente integrados na identidade nacional da América”¹⁰. E prossegue Kathleen Brogan: esta integração não sugere que assombramento cultural terminara exatamente, mas que estes fantasmas antecipadamente não reconhecidos têm sido “transformados em memórias que beneficentemente guiam, em lugar de subjugar, o presente”. Ela justapõe este assombramento construtivo com a noção de uma posse traumática onde “alguém é trancado em repetição, condenado a restabelecer o passado sem importância para exprimir o presente, a realidade”.

Atraso é o que caracteriza a relação dos líderes de Ruby, onde a população tem uma forte ligação com o passado herdado. Para atacar o Convento, estes homens agem como se o passado e o presente ocupassem a mesma situação temporal, chegando ousadamente vizinhos, muito próximo de serem eclipsados pela história que buscam preservar. Estes varões imaginam ter com o passado uma continuidade, onde nada sobre a história espectral deles fora reconhecida como perdida, acarretando em um ato predatório o qual lhes permite procrastinar com as perdas. Os líderes de Ruby, em seus imutáveis pensamentos patriarcais, consideram Mavis, Gigi, Seneca, Pallas e Connie como sexualmente libertinas, dolosas — como “pessoas descartáveis” as quais conseguiram chamar atenção ao valor da mulher como àquela vivente em Ruby. Catalogando-as categoricamente como “Évas negras não remidas”, eles tentam fortalecer Ruby contra a incursão da diversidade estrangeira, assegurando assim que “nada dentro ou fora deteriora a única cidade negríssima do valor da dor”. A bestialidade ocorrida as “Évas” preenche uma estratégia defensiva que os líderes se negam reconhecer que a força do passado já se perdera. Está claramente demonstrado por Toni Morrison pela narração de dissensão e discordância dentro de Ruby.

Primeiramente, os adolescentes da cidade desafiam a insularidade da identidade comunal. Os jovens requerem uma repensada radical sobre relação racial, apoiando o movimento negro (Black Power) fora dos limites de Ruby. Em segundo, as senhoras Rubyenses expressam descontentamento, observando atentamente seus papéis restritamente domésticos numa ardilosa variedade — de modos grosseiros- incluindo o adultério imaginativo e as gestações abortivas.

¹⁰ Kathleen Brogan. *Cultural Haunting: Ghosts and Ethnicity in Recent American Literature*. Charlottesville:UP of Virginia, 1988.

Mais significativamente é a genealogista local, Patricia Best, que vai descobrindo a face oculta, o tabu de Ruby: o orgulho na sua pureza racial. Desvela o porquê do preconceito sobre ela: seu pai, Roger Best, violou a “regra do sangue” casando com uma mestiça (sua mãe), a qual passaria facilmente por branca. Patricia também descobre matrimônios não oficiais, acoplamentos — tendências a relações inegáveis de incestos, porém reservadas.

Descrevendo as pressões internas as quais prometem explodir numa pequena cidade propensa em manter longe os estranhos, assim, Morrison demonstra até que ponto os líderes de Ruby estão diabolicamente possuídos por seu passado. Em lugar de enfrentar os seus conflitos de interesse, os homens atacam o Convento como um dos meios a projetar, sobre o exterior, as diferenças que internamente os intimidam a se dividir.

O tema retido, uma forma destrutiva de assombro, também caracteriza as cinco mulheres marginalizadas do Convento, cujas histórias transformam-se em argumentos de perdas e lamentações negadas. Em tudo que separa o Convento e a cidade — Mavis, Gigi, Seneca, Pallas e Connie compartilham com os líderes de Ruby uma fixação no passado, uma inabilidade para confrontar as suas perdas. A Primeira a conquistar o seu espaço à decadente mansão, é Mavis depois da morte dos seus gêmeos: eles morreram asfixiados quando ela os deixou trancados no carro para comprar o jantar do seu rígido marido. A segunda, Gigi, depara-se com o lugar (o caminho ao Convento) quando percorria uma mingua viagem: era uma caminhada ao encontro da pedra que se assemelha aos amantes — uma maneira de apagar a lembrança da brutalidade policial contra os negros durante uma manifestação aos Direitos Cívicos. A terceira personagem, Seneca, vem de uma história de abandono infantil e exploração como prostituta. Por último, Pallas, uma menina estudada, encontra o Convento depois de pegar seu namorado na cama com a mãe — a qual é insultuosamente denominada de Divine Truelove.

Morrison segue estes episódios, entretanto, é o capítulo sobre Consolata, uma personagem central que conduz o cotejo das mulheres com os seus destrutivos fantasmas. Consolata chegou ao Convento décadas antes. Quando a freira Mary Magna salvou-a ainda menina de uma esqualida vida em Portugal, dando-lhe uma morada na mansão onde as freiras converteram numa escola para meninas índias. Ela tornara-se a única proprietária da casa aos quinze anos quando Mary Magna morreu. Morrison narra a morte da freira como misteriosa e ambivalente — porque os ensinamentos dela sobre amor espiritual eram até certo grau responsável pelo fracasso da única relação apaixonada de Consolata.

As mulheres do convento juntamente com uma menina branca não mencionada — cuja história não é revelada — encontram em Consolata uma figura materna atenciosa. No princípio, Consolata age com presença passiva na casa, dando um abrigo às mulheres já que estas se retiram do mundo “externo”. Mas como uma mulher que outrora estivera “apaixonada pelo cemitério”, ela sabe por experiência própria como as complexidades inconfessáveis da perda podem externar uma influência repressora sobre o presente. Desafiando a sabedoria antiga que aconselha *de mortuis nil nisi bonum*, proibição em contraste ao falar mal do morto — ela alimenta as suas mágoas pela perda de Mary, afirmando a si mesma que os acessórios eróticos ao corpo não traem os pertences espirituais a Deus. Este seu reconhecimento despoja causas encolerizadas, que germinam de modo crescente e impaciente quando as mulheres do Convento negam-se a confrontar a ambivalência de suas perdas. Ela manifesta sincera cólera quando elas indultam “insensatos desejos primários” os quais substitui o passado lamentoso: Mavis apega-se aos fantasmas dos gêmeos que literalmente assombram o Convento e sonha ganhar dinheiro para abrir um orfanato. Gigi pensa em descobrir um tesouro no baú. Seneca vê-se como a “rainha das cicatrizes” e das práticas de ego-mutilação. Pallas quer uma vida de cabaré onde possa cantar “canções cheias de tristezas e com os seus olhos fechados”. Para desfazer esta cilada, Consolata determina-se em uma função ativa sobre as outras mulheres que estão em terapia. Conduz então um ritual de luto o qual as encoraja reconhecer as suas perdas e deleitarem-se levando em conta as atemorizadas vidas.

Em umas das cenas centrais do romance, Consolata instrui as mulheres a se despirem e deitarem no chão frio. Então, pinta um esboço do corpo de cada mulher, e narra detalhadamente sua dificuldade na chegada e as suas condições com a morte de Mary. As mulheres seguem o exemplo dela, testemunhando às suas próprias experiências em relação às perdas traumáticas. Elas agora vão se equiparando, desenhando imagens e se prendendo as coisas dignas de serem lembradas, aos moldes de seus corpos, é um dos meios onde podem corporificar e confrontar as suas mais profundas feridas psíquicas.

A prática de literalmente estar ao lado dos fantasmas e das perdas, fora uma experiência devolvida e orientada de forma ilesa por Consolata, permitindo-as alterar do modo destrutivo ao construtivo as experiências fantasmagóricas. Um ritual dramático que Toni Morrison, em *Beloved*, chama excelentemente de *rememory* (rememoração), uma concepção de memória que tem uma existência física para lá do indivíduo que se lembra.

No momento em que Mavis, Gigi, Seneca, Pallas obtêm o consolo por habitar naquela casa, onde o narrador morrisoniano a descreve como assombrada pelos rastros históricos: por ter sido em primeiro, um prostíbulo; em seguida, um convento religioso e uma escola para meninas índias americanas, e, finalmente, um abrigo para estas mulheres sitiadas. Elas aprendem



reconhecer as suas próprias carências à medida que vivenciam as recordações traumáticas uma da outra. "E jamais fora importante saber o sonho quem citou ou se teve significado", observa o narrador neste ritual de rememoração. Apesar de ou porque seus corpos doem, elas entram facilmente no "conto do sonhador". Com este exorcismo, as mulheres compõem narrativas sobre suas perdas, escritas que contêm um senso do conhecido e do desconhecido a respeito dos seus sofrimentos.

Esta construção e fração sofrível têm o poder curativo. O ritual de perda em *Paraíso* não só ensina (Mavis, Gigi, Seneca, Pallas e Connie) que nada retorna o passado, o morto. Nada desfaz a violência, mas algo pode apagar as frustrações, restabelecer relacionamentos tranquilos. Entretanto, permitem-nas começar a lamentar-se de um processo interminável pelo qual interpretam seus fantasmas de um modo novo: como uma ausência dentro de si onde elas suportam o testemunho. Está mais em jogo a função lamentosa do que o privado senso curativo consumado durante o ritual de Consolata. Embora, estas mulheres aprendessem a viver na carência, faltava-lhes apreciar as condições sociais que conspiraram esses frutos. Os malogros que implicam em indignância, desigualdade de gênero e preconceito racial em suas histórias de perda, impedindo-as reconhecer o perigo presente que as espera no ataque empreendido pelos líderes de Ruby.

A autora fala desta preocupação da singularidade cura das cinco marginalizadas: "É interessante e importante a mim que as mulheres sejam coerentes, fortes e limpas nas suas vidas interiores; que se sintam preservadas, impenetráveis. De modo que quando são advertidas do ataque ao Convento, elas não acreditam nisto"¹¹. E continua: "não é o bastante se sentirem particularmente curadas". Quase sempre, as mulheres na cultura americana são especialmente suscetíveis a violentos retornos de inconfessos fantasmas, os quais pertencem a outros. O restabelecimento ante perda tem sido há anos compreendido como um ponto final, como um estado saudável do corpo e da mente, chegando ao presente e lógico, ao futuro. Contudo, Toni Morrison lembra que cada concepção curativa tenha a tendência de negligenciar as condições sociais envolvida nas perdas pessoais. A ilimitada e interminável forma curativa no romance morrisoniano confere as cinco mulheres mover-se em direção da exposição, antes que se submetam as condições postas pelos líderes de Ruby.

Aqui, já fora discutido o ataque bestial que principia *Paraíso* como uma repetição destrutiva de repudiadas perdas. Há destruição e compele aos sobreviventes reunir os corpos dos amigos e fugir para os arredores de Ruby. Mas esta violenta disputa do passado também acomoda o poder para salvar uma comunidade "ensurdecida pelo rugido de sua própria história". Repetindo o passado como uma "terapia", usando situações Freudianas, à proporção que a repetição realça a natureza dessemelhante do que se tem lembrado.

Mais especificamente, desenvolver fantasmagórico fez-se presente durante o ato sanguinário no Convento revelando a ruptura temporal o que se tornaria necessário o aparecimento em primeira instância. Esta ruptura cria uma nova consciência de passagem pretérita para muitos dos habitantes de Ruby, que vêm avaliar a brutalidade perpetrada pelos seus líderes não como uma continuação, mas como uma monstruosa traição do legado ancestral. Assim coloca o narrador morrisoniano: "Eles pensam que levam vantagem sobre o homem branco quando na realidade o imitam. Pensam que estão protegendo as esposas, as crianças quando de fato estão mutilando-os. E quando as crianças mutiladas pedirem ajuda, eles buscam a culpa em outro lugar".

Em contraste com os líderes de Ruby que evitaram os sinais de diferença interna tentando viver no passado, a autora lembra que para homenagear o sofrimento e trunfo de suas histórias, a população da cidade precisa revisitar o passado, reaprendê-lo e vê-lo como diverso do presente. É no reconhecimento desta diferença que fine a tradição governamental "regida por homens cujo poder de controlar era descontrolado".

¹¹ Marcus, James. "This Side of Paradise: A Conversation with Toni Morrison." 2001.

Por esta forma, Toni Morrison enfatiza a importância dos jogos lamentosos na história cultural de quimeras, associando a promessa de um futuro aberto aos habitantes de Ruby com o funeral que acontece quase no fim do romance. A morte de uma descendente de Ruby, uma criança chamada Save-Marie que falece logo após o ataque ao Convento, obriga os residentes a abandonar as ilusões de imortalidade e perceber que "a morte estava trancada na entrada de Ruby". É com este acontecimento funerário, ministrado por Richard Misner, que os habitantes formam uma nova comunidade. Uma comunidade enlutada reunida em volta de uma experiência de "melancólica e tristeza" onde "as perguntas estão nas mentes". A narrativa de Morrison emprega a prática funerária com um significado inigualável, um modo das suas personagens reconhecerem a perda. Reconhecerem na ausência à escrita do presente, dissolvendo a estabilidade do passado em suas vidas.

Em amplitude, este fantasma pertence não somente ao romance que é catalogado de títulos, mas também as muitas estruturas morrisonianas, a autora convida aos leitores a unir esta comunidade de enlutados. No início da narrativa com o ataque ao Convento, Morrison imagina já a cidade de Ruby como perdida, como estando desaparecida; até completarmos a leitura da primeira parte do romance: "Primeiro, eles atiram na menina branca". Depois de endemoninhar a velha Ruby, a autora promove uma elegia particular ao transcurso desta cidade — só-negros— cujas raízes chegaram à Reconstrução. "Logo Ruby estará como qualquer outra cidade rural: o pensamento jovem em alhures; o velho cheio de pesar. Os sermões serão eloqüentes, mas poucos prestarão atenção ou juntar-se-ão a vida cotidiana." Esta elegíaca prece convida-nos a sermos construtivamente importunados pelos fantasmas da perda Rubyenses, assim como consolidarmo-nos as nossas próprias visões no futuro.